

ANIMÁLIAS

Ana Paula Gerlach¹⁵

Eu estava no corredor da escola, mas não era um corredor comum, dentro daquilo que tinha como lembrança da escola, era um corredor diferente. Apenas eu ali, do nada resvalo em uma poça d'água e caio de bunda no chão. Aparece uma professora que nunca vi antes e diz:

— Maria Eduarda, levanta, senão vamos perder o ônibus! — Acordo em um supetão. Minha avó do meu lado me chamando mil vezes. Era dia de viajar, dia de ver meu pai, únicos dias na vida que levantei cedo sem reclamar. Quase nem lembro mais essa sensação.

E começou a rotina de todas as férias: levantar, colocar a mochila nas costas, ônibus até o camelódromo, carregar minha bagagem e ajudar a carregar a da minha avó porque nesse ano, 1999, ela tinha menos saúde do que tem hoje. E ela ainda levava minha irmã de 5 anos pelo braço, então eu, mesmo tendo 10 anos, tinha que ajudar. Do camelódromo (nessa época, nem tinha um camelódromo ali, era apenas o fim da linha do ônibus. Como chamávamos? Acho que não chamávamos de nada. Para mim era Porto Alegre) até a rodoviária íamos nós com nossas malas. Impressionante como o mesmo trajeto pode ser tão longo na infância e tão curto depois que crescemos. Hoje eu levo no máximo 10 minutos do camelódromo até a rodoviária. Naquela época, parecia ser o maior trajeto do mundo! Um caminho difícil, mas necessário, se eu quisesse ver meu pai. E eu queria muito.

No ônibus eram dois lugares para três pessoas. E o drama de sempre: quem ia na janela. Minha avó mandava eu deixar minha irmã ir na janela por ser mais nova e tudo aquilo que os mais velhos dizem para proteger e mimar os mais novos. Nunca levando em consideração que a mais velha na equação (no caso, eu) também era nova. Também era criança. Ir na janela era minha parte favorita da viagem, acompanhar os diversos e enormes campos e plantações até Cachoeira do Sul. Só que com a minha avó não tem “mas nem meio mas”, era o que ela dizia e pronto! Com o tempo criei uma tática infalível: ir na janela com minha irmã no colo. A Mariana gostava porque ficava mais alta, e eu tinha a minha visão de volta. A vó não gostava. Mas às vezes fingia não ver.

Ainda antes do meio-dia chegamos. Depois de desembarcar na rodoviária de Cachoeira do Sul e pegar um táxi para a casa do meu pai (um dos vários pontos altos da viagem, aqueles únicos momentos da infância em que eu andei de táxi e achava o máximo),

¹⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; e-mail: ana.gerlach@edu.pucrs.br.

eu sentia que aquela grande missão POA/Cachoeira do Sul tinha terminado com êxito. E ver o pai era o bônus. Não se enganem, o trajeto é relativamente curto, em torno de 2h30 de viagem. E não é porque “quando a gente é criança, tudo é grande coisa”. Não é exatamente tudo. É só as coisas boas que são grandes. Quando a gente cresce, inverte, as coisas ruins se tornam grandes e as boas ficam minúsculas. Uma das coisas raras e perfeitas que existem apenas nas crianças.



Na parte da frente da casa, meu pai e meus dois tios tinham uma fruteira, que também era um aviário, que também era um minimercado, que mal dava lucro para se alimentarem, mas que lhes dava motivos para continuar lutando. Chegamos, deixamos as bagagens lá atrás, onde tinha a sala e a cozinha, e fomos ver o pai e os tios. A recepção nunca foi inteiramente “filha, quanto tempo, que saudade, vem cá, te amo, te amo”, nós não éramos assim. Digamos que éramos assim nos primeiros 3 segundos depois que eu chegava. A recepção era mais parecida com “e então, como está na escola? Tá obedecendo tua avó? Ela me falou que tu anda marota. Tá ajudando a cuidar da tua irmã? Deixa eu ver teus dentes, não escovou hoje né? Tá escovando pouco, tem que escovar mais” e assim vai. A lista é grande. Mas é uma lista das boas, pode acreditar.

Enquanto eu dava voltinhas e matava tempo ali na fruteira, na companhia do pai e dos tios, duas meninas chegaram para comprar qualquer coisa, e meus tios tinham adquirido (ou negociado, ou ganhado, ou caçado, ou recebido como pagamento, qualquer uma das opções) um porco naquela semana. E ele estava em uma parte do lado da fruteira, um espaço como se fosse um galpão/estacionamento grande. As meninas viram o porco e o acharam curioso porque não era um porco qualquer. Era um porco maior, escuro, tipo um porco do mato. Até poderia ser um, mas não vou afirmar porque minha memória não é muito visual, grava muito mais as emoções do que as imagens, e a história desse porco marca minha memória principalmente pelas emoções que ela me causou.

Quando as meninas comentaram entre si sobre o porco, o tio Chico estava próximo e, como sempre muito brincalhão e divertido que é, e foi, e sempre será, não pôde perder a oportunidade e jogou a elas uma pergunta derradeira: — Vocês sabem como se mata um porco? — As gurias riram, se olharam encabuladas, não sabiam o que responder, acho que um

pouco chateadas por perceberem que o porco não duraria muito tempo na mão do meu tio. Ele não deixou elas pensarem muito e disse: — É bem simples, é só amarrar ele bem amarrado em uma mesa, ferver uma chaleira de água, e quando a água estiver bem bem quente, fervendo mesmo, jogar dentro da cabeça do porco, pelas orelhas, até ele morrer.

As meninas não queriam mais nada, saíram assustadas e chateadas com a descoberta. E meu tio ficou ali, morrendo de rir. No começo da história me assustei também, mas quando ele começou a rir, eu percebi que era brincadeira. E na hora pensei “ah claro que o tio não ia fazer isso, tadinho do porco”.

Chegou o início da tarde e era hora de matar o bichinho. O dia estava cinzento, aparentando uma possível chuva, e eu estava na sala, TV ligada, avó na cozinha fazendo algo gostoso, até mesmo porque qualquer coisa que ela fizesse ali seria o grande prato do mês. Meu pai e tios moravam sós, apenas os três, então comer algo diferente, ainda mais feito pela própria mãe, era a maior alegria possível. Não que eles não soubessem cozinhar, pelo contrário, são famosos na família por cozinharem muito bem. Eu nunca soube cozinhar. Cozinhar eu digo ligar uma panela e quinze minutos depois aquele cheiro maravilhoso se espalhar pela casa e a pessoa que passa na frente de casa já poder sentir. Esse dom faz mais parte dos homens da família do que das mulheres, arrisco dizer. Sempre fomos uma família diferente, mas nesse caso, a frente do nosso tempo. E isso é lindo.

Minha avó pediu para eu ficar na sala, não sair para o galpão, mas sem explicar muito. Até porque ela estava mandando, e simples assim, ela nunca foi de parar para explicar uma ordem. Não fazia o menor sentido. E isso, como sempre, até hoje, me deixa ainda mais curiosa. “O que estava acontecendo lá fora? ”, pensei. Ao espiar pela janela vi meu tio com uma faca bem grande para esfaquear o porco no peito. Naquele momento, achei essa forma de matar tão cruel quanto a água fervente, mas depois, com o tempo, aprendi que essa é a forma mais usual de matar um porco, a forma mais rápida, e que machuca menos o porco, se for possível mensurar o sofrimento de um ser vivo. Acertar o coração e matar na hora.

O problema é que o meu sentimento de dó fez com que o tio não conseguisse acertar o coração. Ele errou. E ele tentou mais umas cinco vezes pelo menos, encontrar o coração e o matar, mas o porco não parava de se mexer, pelo contrário, parecia que vivia mais. A minha avó, da cozinha, percebeu que eu estava olhando e disse: — Maria Eduarda, não olha, tu vai ficar com dó e o bicho não vai morrer”. Mas já era tarde demais, eu não conseguia tirar os olhos daquele momento. Eu tentei parar de olhar, tentei mil vezes, tentei pelo porco, para que ele pudesse morrer logo, mas não conseguia me afastar por muito tempo, então pensei que se eu olhasse pra ele e mentalizasse “morre, porco, morre logo” talvez eu o ajudasse mais. E

fiquei ali olhando aquela cena. De uma hora pra outra, depois de várias facadas, o porco saltou da mesa e correu tentando fugir. Eu me assustei. “Não, porco, agora é tarde demais, tu não vai sobreviver todo machucado, volta”. Meu tio o pegou de volta, deitou-o, pegou uma água fervendo e colocou nos ouvidos do porco, tal qual disse mais cedo. Aos poucos o porco foi perdendo as forças, e finalmente morreu. Por todo aquele tempo, (e talvez até hoje) pensei que fosse culpa minha aquela difícil morte. Eu estava vendo. Eu estava com pena. E isso atrapalhou tudo.

Aquelas palavras da minha avó permearam minha infância e adolescência em todo o momento que ela preparava uma galinha caipira para o almoço. Puxava o pescoço até quebrar e depois cortava a goela do animal, enquanto eu segurava os pés e as asas. Enquanto o bicho se batia tentando sobreviver, e eu virando o rosto para o lado, a vó sempre “contribuía” com suas palavras de sabedoria no melhor momento possível: “a galinha ainda não morreu porque tu está com pena”. Não sei se foi impressão minha, mas tinha um meio sorriso no canto de sua boca no momento daquela fala? Como assim? Como minha avó conseguia ser tão ruim comigo? Pergunto isso a ela até hoje, e o meio sorriso mudou. Agora é um sorriso inteiro debochando da minha cara com uma expressão de “eu não sei do que tu está falando”. Eu rio também.

Em Cachoeira o passatempo era parecido com o de casa. Nada muito animador. Mas acho que passeávamos mais. E raramente era com o pai, porque ele ficava trabalhando. O pai nunca foi de sair muito. Até hoje ele é assim, só vai arrastado. Uma vez a vó nos levou ao zoológico. Outra vez, o que acontecia mais seguido, fomos ao centro de Cachoeira. Lá, descobri uma rua no centro que tinha a data do meu aniversário, 15 de novembro, e na hora tive a certeza de que era pra mim; ora, era a data do meu aniversário, a homenagem seria para quem mais? Conteí pra vó, ela não percebeu a homenagem a mim. Comecei a ver outras placas com outras datas. Concluí que deve ser comum homenagear as pessoas nomeando as ruas com a data do seu aniversário.

Essa viagem de 1999 foi para passar o Ano Novo. Não era sempre que ficávamos lá na virada, mas naquele ano ficamos. E tinha que ter aquilo que eu aguardo sempre: a lentilha da minha avó! Ano Novo sem lentilha é como se não precisasse nem ter Ano Novo. O Réveillon só serve pra isso: garantir a lentilha. E lá estava eu aguardando a tão esperada janta com tudo que tínhamos direito. O pai e os tios ficaram o máximo que puderam com o mercadinho aberto. De noite estava todo mundo lá. Eles conversando, as crianças na sala, eu vendo os fogos na TV e na rua, quase que ao mesmo tempo, amo ver o brilho no céu. Um tempo depois, já estava jogada no sofá quase dormindo. Ou dormindo. Estava caminhando em uma

calçada e ia atravessar a rua. Ao descer da calçada o meu corpo se mexeu como se estivesse contribuindo para a descida para a rua, acordei quase caindo do sofá. Sentei. Retornei à programação da TV.

Os repórteres começaram a falar umas coisas mais complicadas. Falaram em milênio. Um deles disse que era um privilégio estar ali, transmitindo a virada daquele ano, por não ser uma virada qualquer. Era a virada de um milênio. De 1000 para 2000. E eu comecei a conjecturar aquilo na minha mente: “bah, é verdade, não é o próximo ano que estamos entrando, é no próximo mil. Milênio. 2000. E eu aqui em Cachoeira. Eu aqui com meu pai”. Assim como marcou aquele repórter, também marcou a mim. Ele, por estar na TV, e eu, por estar perto do pai naquela virada tão significativa.

O Ano Novo passou, o mês de janeiro passou, era hora de voltar pra casa. Não tinha aquelas despedidas calorosas nem desesperadoras, e eu já estava com vontade de voltar — já estava ficando tedioso — mesmo sabendo que, no momento que eu chegasse em casa, eu já ia querer estar em Cachoeira novamente.



— Alô?

— Oi, filha, corre pra porta, agora!

— Como assim? Pra porta? Você está aqui?

— Não, chega na porta e olha pro céu.

— Tá. — Esperei 3 segundos pra ele achar que eu fui. Mas de alguma forma ele percebeu meu truque.

— Já chegou na porta? Tu nem caminhou ainda, né? Anda, vai logo pra porta, é sério!

— Tá bom, pai. Cheguei, que foi?

— O que tem no céu?

— Não tem nada, não está chovendo, está um pouco nublado, está tudo branco.

— Aqui também.

— Aí também? Igual? Não tem céu azul?

— Não, está tudo branco também. É que é o céu, então é o mesmo céu, estamos olhando para o mesmo lugar ao mesmo tempo.

— Hã? Como assim? Sério? Ah, claro, o céu é muito alto, né? Dá pra ver o mesmo pedaço de um lugar longe. Bah, que tri, pai. Tu está olhando pro lado direito também?

— Sim.

— Que legal...

— Tua avó disse que foi buscar o teu boletim hoje.

— Sim, ela não te contou se eu passei ou não, né? Acho que semana que vem nós vamos pra Cachoeira e quero te contar pessoalmente, nunca consigo guardar segredo, esse ano vou guardar.

— Tudo bem, vou te esperar, só queria perguntar uma coisa: o resultado é bom ou é ruim? Só queria saber isso...

— É bom!

— Ah então tá bom, te aguardo pra saber quando tu chegar...

— Tá bom, pai, vou passar o telefone pra vó.

— Tá bom, beijo, filha, até daqui a pouco.

— Até mais.